



GESTIÓN UNIVERSITARIA – CIGU

Gestión de la Investigación y Compromiso Social de la Universidad

Arequipa – Perú
23, 24 y 25 de noviembre de 2016

ISBN: 978-85-68618-02-8

ACOMPANHAMENTO DE EGRESSOS COMO FERRAMENTA PARA A GESTÃO UNIVERSITÁRIA: UM ESTUDO COM GRADUADOS DA UFBA**LUCAS CARMO DA SILVA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

ccarmolucas@gmail.com**ANTONIO VIRGÍLIO BITTENCOURT BASTOS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

antoniovirgiliobastos@gmail.com**JORGE LUIZ LORDELO SALES RIBEIRO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

jorgeluzdesales@gmail.com**ADRIANO DE LEMOS ALVES PEIXOTO**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

adriano.apeixoto@gmail.com**RESUMO**

Promover a discussão sobre os impactos da experiência universitária na transição e consequente inserção no mercado de trabalho do egresso configura-se como a principal evidência da relevância e possibilidades de aprimoramento dessa experiência. Com o objetivo geral de contribuir na compreensão do fenômeno da transição para o trabalho, e específico de fornecer indicadores e elementos para a gestão universitária, foi realizada uma investigação com 3648 estudantes egressos da Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 64 cursos de diferentes áreas, através de *survey online*. Foram utilizadas médias, porcentagens e tabelas de referência cruzadas para a análise dos dados. Os resultados fornecem uma rica fonte de elementos para a avaliação da eficácia de programas institucionais, sobretudo no âmbito das atividades extracurriculares e do fortalecimento do empreendedorismo como estratégia de gestão universitária. Espera-se que com os dados de acompanhamento sistemático longitudinal, seja possível uma análise mais acurada e específica por cursos, e que forneça base para intervenções focadas na qualidade da formação.

PALAVRAS CHAVE: Universidade, Egressos, Pesquisa de egressos, Transição Universidade-Mundo do Trabalho.

INTRODUÇÃO

O estudo com egressos, de forma sistemática e contínua, pode ser um instrumento fundamental de avaliação da efetividade da utilização dos recursos aplicados nos programas de formação, possibilitando, posteriormente, a sua melhoria. Segundo Lordelo & Dazzani (2012), o sistema de acompanhamento de egressos “talvez seja o mais poderoso e informativo meio para entender a eficácia de um programa” (LORDELO; DAZZANI, 2012), verificando o nível de apropriação de conhecimentos, habilidades e técnicas que deveriam ter sido oferecidos pelo programa educativo a partir da inserção no mercado de trabalho. Afinal, é o produto que credencia uma universidade como boa, “se existem excelentes egressos, existe uma excelente universidade. Os egressos são a universidade viva e atuante” (FERREIRA, 2011) Uma universidade que se preocupa com o acompanhamento sistemático de seus egressos possui uma consciência crítica e uma capacidade de investigar, questionar e propor novos planejamentos e soluções, possibilitando a realização plena da sua função social. A literatura considera este sistema como uma fonte de informação gerencial permitindo a tomada de decisões sobre o planejamento dos cursos, arranjos didáticos pedagógicos e modalidades formativas com impacto direto na construção das múltiplas identidades profissionais (MACHADO, 2010). Assim, o papel da universidade está para além de “simples repassadora de conhecimento dando importância à real razão de sua existência: seus acadêmicos” (FERREIRA, 2011)

Portanto, o objetivo geral deste estudo é avaliar a inserção profissional e o impacto das experiências acadêmicas sobre o processo de inserção dos egressos dos diversos cursos oferecidos pela Universidade Federal da Bahia no mercado de trabalho

REVISÃO DE LITERATURA

Os estudos sobre transição escola-trabalho frequentemente estão mais voltados para o mapeamento das questões socioeconômicas da inserção no mundo do trabalho do que para as questões de ordem psicológicas, verificando-se uma lacuna na investigação de variáveis psicossociais envolvidas neste processo (VIEIRA; COIMBRA, 2006). No entanto, ao realizar uma definição compreensiva de transição adaptativa para o mundo do trabalho, provavelmente outras perspectivas, além da psicológica, serão englobadas, como: organizacional, econômica e social (VIEIRA; COIMBRA, 2006)

Difícilmente é encontrada nos textos sobre o tema, uma referência clássica amplamente utilizada na literatura nacional e internacional e que ancore o conceito de transição escola-trabalho, e não é incomum encontrar os conceitos de transição e inserção para o mercado de trabalho sendo utilizados como sinônimos. Vieira (2007) considera a transição para o mundo do trabalho como um processo, segundo suas palavras, “dilatado no tempo que se inicia antes da conclusão do percurso formativo e que prossegue mesmo depois do início da atividade laboral” (VIEIRA; MAIA; COIMBRA, 2007). Outros autores (RAMOS; PARENTE; SANTOS, 2014) centralizam o conceito na decisão, ampliando essa perspectiva através da noção de reciprocidade entre objetivos, recursos e mecanismos, que funcionam como mediadores das decisões pessoais e condições situacionais em que elas ocorrem.

Esse processo culminaria numa inserção laboral bem sucedida, definida por Donoso e Figuera (2007) como a inserção e permanência em um trabalho que permita uma autonomia econômica e com alta probabilidade de mantê-la. Alguns autores questionam a noção de sucesso na inserção no Mercado de trabalho. Colmin (2011) discute dois padrões de transição, propondo uma revisão da noção de estudantes que buscam inserção no mercado, em função de novas narrativas surgidas de novas demandas de trabalho, que conduzem trabalhadores às

universidades, problematizando a noção clássica de sucesso na transição como inserção bem sucedida.

Considerando que a transição da universidade para o trabalho requer estratégias e habilidades de adaptação por parte dos recém graduados (VIEIRA; COIMBRA, 2006), é importante que haja estudos que aprofundem o conhecimento acerca dos aspectos objetivos (observável, mensurável e verificável) e subjetivos (somente experienciados diretamente pelo egresso) da transição escola-trabalho. Vieira e Coimbra (2004), apontam dois fatores facilitadores deste processo: individuais (competências de relacionamento interpessoal, autonomia, exploração individual e flexibilidade ou capacidade de adaptação ao meio) e contextuais (percepções do indivíduo sobre o trabalho, o seu bem-estar e o apoio que recebe) (VIEIRA; COIMBRA, 2004). Outros autores sugerem também que a instrumentalização para a busca de emprego e a estruturação de redes de apoio que fomentem a discussão sobre carreiras já desde a formação universitária, são fatores que contribuem para uma inserção laboral exitosa (BARDAGI et al., 2006; TEIXEIRA; GOMES, 2004).

Segundo Gouveia (2011), os egressos têm mais probabilidade de realizar seus projetos na medida em que eles possuem autoestima, motivação, sentimentos de auto eficácia e persistência face ao surgimento de obstáculos e dificuldades no processo de busca de emprego (GOUVEIA, 2011). A crença de auto-eficácia, variável de investigação deste estudo, é a convicção de uma pessoa na sua capacidade de realizar alguma(s) tarefa(s) específica(s), a qual “ajuda a determinar se irá iniciar, manter e ser bem sucedido no seu desempenho” (LENT; BROWN, 1999).

Destaca-se na produção científica sobre o tema, o desenvolvimento da Escala de Auto Eficácia na Transição para o Trabalho (VIEIRA; MAIA; COIMBRA, 2007), validada para o contexto brasileiro por Vieira, Soares e Polydoro (2006). A escala abarca as dimensões de Busca de Emprego, Regulação Emocional e Adaptação ao Trabalho. Diversos outros estudos apontam a Auto Eficácia como elemento central e regulador, cujo desenvolvimento pode ampliar o efeito de fatores potencializadores de agência pessoal, conduzindo o egresso seja ao início, perseverança e sucesso em tarefas relacionadas à transição ou a discursos negativos, ansiedade e mau desempenho. (BARDAGI; BOFF, 2010; LENT; BROWN, 1999; VIEIRA; COIMBRA, 2006).

Sendo assim, para se alcançar uma compreensão mais ampla das reais contribuições da formação universitária ao desenvolvimento dos indivíduos, é necessário ampliar o conhecimento acerca da última transição que o estudante faz na universidade, a transição para o trabalho. Segundo Marcovitch,

Pensava-se, que a responsabilidade da universidade se iniciava na inscrição do vestibular e acabava na entrega do diploma. Isso é um grande erro. A universidade deve mobilizar seus ex-alunos, a partir de um determinado período de convivência no mercado de trabalho (MARCOVITCH, 1998).

A Superintendência de Avaliação e Desenvolvimento Institucional iniciou as atividades com a pesquisa de egressos da UFBA em 2012, através do Programa Pense, pesquise e inove a UFBA (PROUFBA) da Pró Reitoria de Pesquisa, Criação e Inovação.

O propósito da pesquisa é de constituir-se um projeto permanente de acompanhamento sistemático da trajetória profissional do egresso da universidade, visando servir como elemento para avaliação curricular e de gestão de cursos, bem como produzir indicadores gerais que sirvam para identificar a eficácia e efetividade de programas da universidade.

MÉTODO

A pesquisa permite análise do processo de transição para o mercado de trabalho de caráter transversal e longitudinal, sendo esses recortes possíveis através da integração de todos os bancos de dados oriundos das coletas com os egressos no período em que eles se formam, 1 ano, 3 anos e 5 anos depois de sua formatura. Assim, temos um panorama específico da situação dos egressos em 4 diferentes períodos de sua transição para o mercado de trabalho, bem como uma visão geral do percurso que o egresso da UFBA traça a partir da sua saída da universidade.

A pesquisa categoriza os egressos em dois tipos: recém-formados, com os quais é feita uma coleta no mesmo semestre de sua formatura, e ex-alunos, cujas coletas são feitas 1, 3 e 5 anos após o semestre de formatura. O recorte aqui apresentado diz respeito aos recém formados dos períodos letivos de 2012.2, 2013.1, 2013.2, 2014.2 e 2015.1, categorizados pelas 5 áreas de formação reconhecidas pela Universidade.

• PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 3648 estudantes de diversos cursos da UFBA, 44,4% do sexo feminino, com idade média de 28(DP=7,23). Os egressos participantes se formaram nos períodos de 2012.2 a 2015.1. Uma breve caracterização da amostra por grandes áreas de conhecimento que agrupam os cursos da Universidade é feita a seguir:

ÁREA 1 – Ciências Exatas - dos egressos recém-formados que responderam ao questionário, nos períodos relatados, 659 (21,5 %) são egressos dos cursos de área 1, os cursos com maior taxa de resposta foram Engenharia Civil (15,9 %), Arquitetura e Urbanismo (12,3 %) e Engenharia Química (9,1 %). O gênero masculino foi predominante na amostra (61 %) e a idade média dos participantes foi de 27 anos (DP=5,7).

ÁREA 2 – Ciências Biológicas e da Saúde - os egressos dos cursos de Biológicas e da Saúde somaram 620 (21,5 %). Os cursos com maior taxa de resposta na área 2 foram Nutrição (16,1 %), Farmácia (14,2 %) e Ciências Biológicas (12,6 %). Aproximadamente 71 declararam ser do gênero feminino e 28, masculino com idade média de 26 anos (DP = 4,8).

ÁREA 3 – Ciências Humanas - a percentagem de egressos os cursos de ciências humanas foi de 29,2 % (894 respostas). Os cursos com maior taxa de resposta foram Direito (14,9 %), Comunicação (10,1 %) e Administração (10,2 %). Aproximadamente 63,6 declararam ser do gênero feminino e 36,4, masculino com idade média de 28 anos (DP=7,7).

ÁREA 4 – Letras - no total, 142 egressos se formaram nos cursos de Letras (4,5 %). Destes, 72,5 se declararam do gênero feminino e 27,5, masculino e idade média de 29 anos (DP=7,9). O curso com maior taxa de resposta foram Letras (31,1 %) e Letras Vernáculas (33,1 %).

ÁREA 5 – Artes - a taxa de diplomados da área 5 que respondeu ao questionário foi de 3 % (92 respostas). O gênero feminino correspondeu a 54,3 %, e o masculino, 45,7 %. Idade média de 30 anos (DP=8,4). Os cursos com maior participação na pesquisa foram Música (20,4 %) e Dança (19,4 %).

• INSTRUMENTO

O instrumento utilizado foi um questionário fechado com 21 questões, dividido em 3 eixos. O primeiro eixo diz respeito à trajetória acadêmica do aluno: disponibilidade de tempo para o curso durante a graduação e sua participação em atividades extra-curriculares. O segundo eixo traz questões sobre a transição para o mercado: definição de foco na carreira, avaliação da formação para o mercado de trabalho, uma medida de Auto-Eficácia na

Transição para o Trabalho (AETT) e uma escala de Empregabilidade. O terceiro eixo investiga aspectos da inserção do egresso: dificuldades e facilidades, avaliação do mercado de trabalho, se conseguiu emprego, se este emprego é na área de formação, qual seu rendimento, perspectiva de tempo para alcançar a independência econômica, projetos para o futuro e satisfação com a escolha profissional.

A Escala de Auto Eficácia na Transição para o Trabalho (AETT), desenvolvida por Vieira, Maia e Coimbra (2007) é constituída por 28 itens distribuídos em três subescalas: (a) autoeficácia na adaptação ao trabalho; (b) autoeficácia na regulação emocional; e (c) autoeficácia na procura de emprego. Nas instruções, solicita-se aos sujeitos que indiquem o nível de confiança na sua capacidade para desempenhar as atividades apresentadas por cada item, numa escala tipo *Likert* de 6 pontos, sendo 1 = “nada confiante” e 6 = “totalmente confiante”

• PROCEDIMENTO

Utilizamos o contato por email disponibilizado pela Superintendência de Tecnologia e Informação da Universidade, enviando um email inicial informando a importância da pesquisa, e posteriormente com o link para o preenchimento do questionário. Nos colocamos à disposição dos egressos para possíveis dúvidas sobre a pesquisa e sobre o questionário através do contato por e-mail, e disponibilizando, ao final da pesquisa, um relatório com os principais achados do nosso estudo. Para análise dos dados utilizamos o Statistical Package for the Social Sciences (SPSS) para análises descritivas (médias, desvios padrões e percentuais) e tabelas cruzadas (percentuais).

RESULTADOS

Os resultados são apresentados em três segmentos. O primeiro, explora a trajetória acadêmica buscando identificar elementos que possam ter diferenciado a formação; o segundo dedica-se à etapa da transição universidade-mercado de trabalho; o terceiro volta-se para a inserção profissional propriamente dita. Os resultados são apresentados considerando-se a amostra geral e os estratos correspondentes às cinco grandes áreas de conhecimentos em que são agrupados todos os cursos da Universidade.

I. A Trajetória Acadêmica

A trajetória acadêmica foi analisada inicialmente em termos dos níveis de dedicação do aluno ao processo de formação, ou seja, em que medida teve que conciliar trabalho e estudo. Considerando-se a amostra geral, verifica-se que 52% dos egressos trabalhou em paralelo à formação a maior parte ou todo o tempo. Tal resultado rompe, em certa medida, o estereótipo de que a universidade pública, pela forma como estrutura os seus cursos de graduação, destina-se a alunos que podem prescindir de trabalhar para dedicar-se exclusivamente à sua formação (algo que só acontece com 22,5% dos egressos). Comparando as cinco áreas de formação, cujos dados encontram-se também na Figura 1, observa-se uma tendência clara nos cursos de Humanas, Letras em Artes em apresentar menores taxas de disponibilidade de dos seus estudantes para dedicar exclusivamente à sua formação. A área 5 (artes) apresentou o maior índices de indivíduos que trabalharam durante todo o curso (36,7%). Na área de saúde estão os egressos com maior disponibilidade (52,1% nunca trabalharam durante a formação enquanto apenas 10,4% o fizeram), seguida da área de Exatas (18,4% nunca trabalhou durante a graduação).

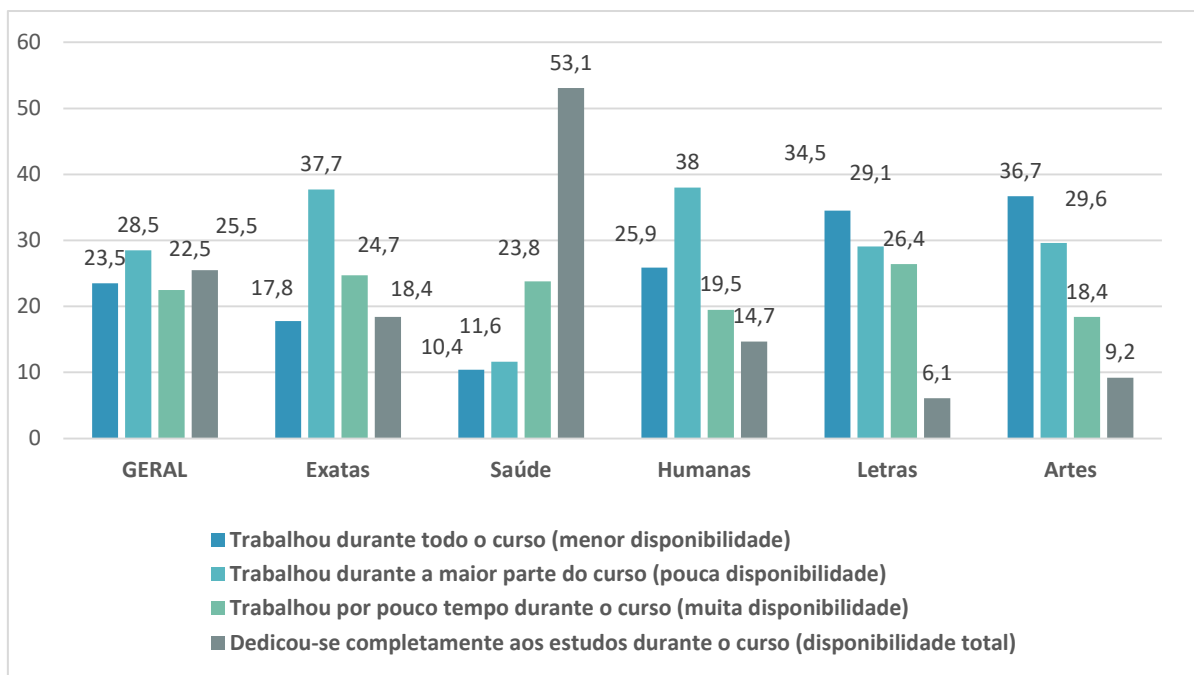


Figura 1: Percentual de egressos por níveis de dedicação ao trabalho e a graduação na amostra geral e por áreas de conhecimento.

A dedicação à formação associa-se, claramente, à possibilidade de o aluno participar de atividades extra curriculares importantes para a sua formação científica e profissional. Foram escolhidos oito tipos de atividades que abarcam a formação científica, estágios e atividades profissionais, participação política. Um primeiro resultado interessante refere-se ao percentual de egressos que participou de alguma das atividades extra curriculares, o que pode ser visto na Figura 2.

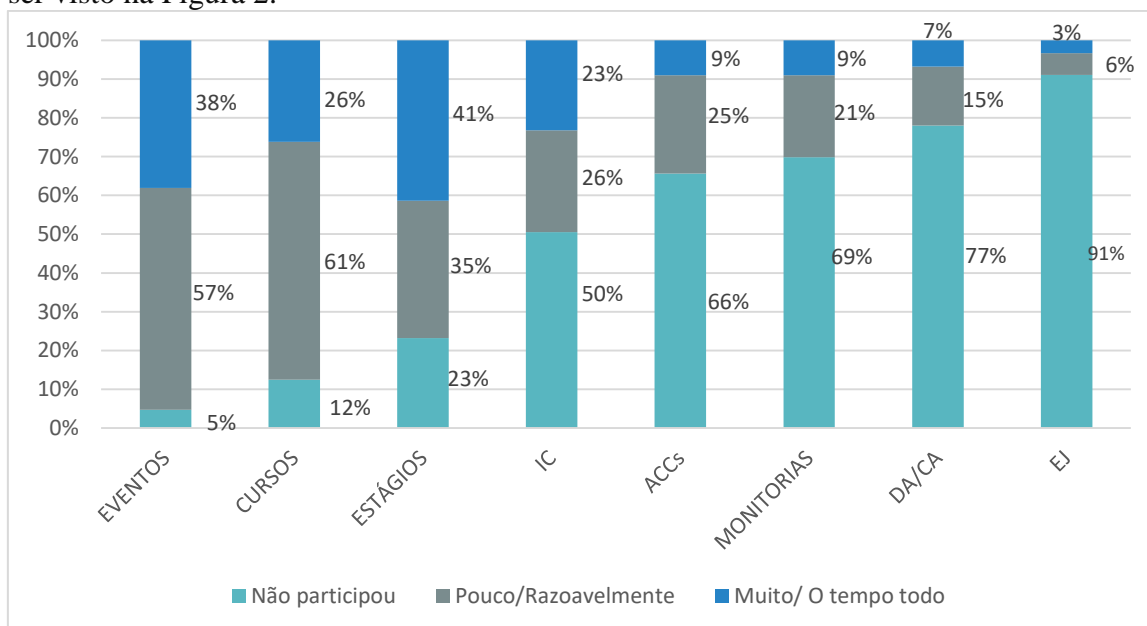


Figura 2: Percentual de egressos por níveis de participação em atividades extra curriculares na amostra geral.

Claramente verifica-se que a participação em extensão (via componente curricular ACCS), monitorias e empresa juniores (EJ) é bem reduzida, já que mais de 2/3 dos egressos

nunca participou. Mesmo a atividade de iniciação científica, já bem mais difundida, só atinge 50% dos alunos egressos, a maioria destes com uma participação reduzida. Por outro lado, participar de eventos, cursos e estágios é algo bem mais disseminado entre os alunos.

Como para se avaliar a dedicação ao longo do curso utilizou-se uma escala variando de 1 (nunca participei) até 5 (participei muito), é possível comparar os escores médios dos egressos por grandes áreas de conhecimento. Os escores médios obtidos, na amostra geral e nas diversas áreas, encontram-se na Tabela 1.

Tabela 1 – Escores médios do nível de participação em atividades extra-curriculares na amostra geral e por áreas de conhecimento.

<i>Atividades extra curriculares</i>	Geral	Exatas	Saúde	Humanas	Letras	Artes
<i>Eventos</i>	3,19	2,85	3,54	3,17	3,45	2,8
<i>Estágio extra-curricular</i>	2,92	3,17	2,96	3,27	2,94	2,82
<i>Cursos</i>	2,81	2,68	3,04	2,72	2,92	3,03
<i>Iniciação Científica</i>	2,19	2,13	2,85	1,96	2,51	1,62
<i>ACCS(*)</i>	1,66	1,34	2,1	1,41	1,61	1,54
<i>Diretório Acadêmico</i>	1,45	1,51	1,51	1,45	1,32	1,26
<i>Empresa Júnior</i>	1,18	1,26	1,11	1,26	1,06	1,05

(*) ACCs – Programas de Extensão que foram incorporados como atividades curriculares

Considerando-se o ponto médio da escala utilizada, pode-se perceber, na amostra geral, que a participação em eventos é a única atividade extra curricular que apresenta um escore superior ao ponto médio da escala. Todos os demais itens apresentam escores médios inferiores, sendo a prática de participar de empresa júnior (1,45) a menos difundida (pela presença limitada a alguns poucos cursos) e a participação política via inserção em diretórios acadêmicos (1,45). A iniciação científica (2,19) já é mais difundida do que a participação em atividades de extensão (1,45), embora ambos os escores revelem que a pesquisa e a extensão, dois pilares centrais da Universidade ainda não e largamente disseminada no processo de formação dos seus alunos. Quando se examina tal perfil por áreas, a participação em eventos é mais expressiva nos cursos da saúde, letras e humanas, em todas elas superando o ponto médio da escala; estágios extra curriculares são mais presentes nos cursos de Humanas; participação em cursos são mais frequentes entre egressos dos cursos de Saúde e Artes. A iniciação científica é menos difundida nos cursos das áreas de Artes e Humanas.

Considerando-se as atividades curriculares mais frequentemente realizadas, verificou-se uma clara associação entre a dedicação ao curso e a possibilidade de engajamento em atividades que enriquecem a sua formação acadêmica. Os dados da Tabela 2 revelam que à medida que aumenta a dedicação ao curso aumenta o percentual de alunos que nunca se envolveram em atividades extra curriculares tais como participação em eventos, iniciação científica, extensão. Tal relação não é clara quando se trata de estágios e cursos. Observa-se uma diferença relevante entre a participação nessas atividades daqueles que tiveram mais tempo para dedicar ao curso do que os que trabalharam durante todo esse período, o que indica ser esta o principal fator em jogo na explicação do fenômeno. Contudo, não parece fazer diferença se esse trabalho ocupou maior ou menor parte do tempo durante o curso. No que se refere aos estágios, a queda do percentual de alunos que não trabalharam durante o curso envolvidos em estágios provavelmente se deve ao fato de ser o estágio a atividade remunerada exercida pelos estudantes que eles relataram ocupar parte do tempo durante o curso.

Tabela 2 – Percentual de egressos que nunca participaram das atividades extracurriculares por níveis de dedicação ao curso

	Eventos	Estágios	Cursos	Iniciação Científica	ACCS
<i>Trabalhei durante todo o curso</i>	32	46	42	80	82
<i>Trabalhei durante a maior parte do curso</i>	30	21	39	71	82
<i>Trabalhei por pouco tempo durante o curso</i>	26	35	40	59	80
<i>Dediquei-me completamente aos estudos durante o curso</i>	18	47	36	40	72

II. A Transição Universidade-Mundo do Trabalho

A transição para o mundo do trabalho foi analisada a partir de alguns indicadores, tendo como ênfase a busca de identificar os possíveis impactos de percepções sobre o quanto se sentia preparado para enfrentar os desafios do mercado de trabalho. Inicialmente, solicitou-se uma avaliação de como o egresso percebia o processo de transição, utilizando-se uma escala variando de 1(a transição está muito difícil para mim) e 5 (tenho lidado com facilidade com a transição). Também numa escala de 1 a 5, ele avaliou o nível de confiança na formação que recebeu para facilitar seu ingresso no mercado de trabalho.

Numa perspectiva geral, os egressos das 5 principais áreas informaram estar enfrentando a transição com algum nível de dificuldade, já que os escores, tanto na amostra geral quanto nas áreas de conhecimento dos cursos estão ligeiramente abaixo do ponto médio da escala. Não há diferenças significativas entre os egressos de cursos das diferentes áreas.

Tabela 3 – Escores médios da avaliação da transição e da confiança na formação na amostra geral e por áreas de conhecimento.

	Geral	Exatas	Saúde	Humanas	Letras	Artes
<i>Grau de dificuldade da transição Universidade-Mercado de trabalho</i>	2,7	2,8	2,7	2,7	2,8	2,8
<i>Confiança na formação</i>	3,5	3,4	3,6	3,5	3,5	3,6

Sobre a crença de que a experiência na universidade os preparou bem para o mercado de trabalho os egressos declararam confiar razoavelmente na formação ($m= 3,5$; $máx=5$). Os egressos de Saúde ($m=3,59$) e Artes ($m= 3,54$) apresentaram escores médios ligeiramente mais elevados do que os egressos de cursos das Exatas ($m= 3,36$), grupo que apresentou a avaliação menos positiva. Tais diferenças, contudo, não são significativas estatisticamente, revelando um padrão uniforme de avaliar a formação que receberam

Ainda analisando a transição Universidade-Mundo do Trabalho, a pesquisa levantou a percepção dos egressos sobre como se percebiam confiantes para enfrentar os desafios inerentes a tal processo de transição. O conceito Auto Eficácia na Transição para o Trabalho tem sido utilizado em pesquisas similares por sintetizar um conjunto de crenças, habilidades e comportamentos do egresso que têm impacto sobre o maior ou menor êxito nessa transição. Vieira, Maia e Coimbra (2007), preconizam teoricamente a existência de três dimensões para a mensuração do constructo da autoeficácia: a) A Regulação Emocional, que consiste na crença de que se é capaz de resistir à frustração, manter-se engajado na busca de emprego apesar de respostas negativas, lidar com fracassos, etc. b) Busca de Emprego, ou seja, a crença na capacidade e no conhecimento sobre como procurar emprego em classificados, sites, ativar a rede de relacionamentos e contatos profissionais, etc. e c) Adaptação ao Trabalho, dimensão designada para classificar a confiança na capacidade de exercer as tarefas que o trabalho exige ou pode vir a exigir. O escore geral de autoeficácia é uma média aritmética dos escores nas três dimensões apresentadas. Tal escore pode variar de um mínimo de 1 (baixa) a 6 (elevada autoeficácia). Os resultados obtidos, na amostra geral e nas diferentes áreas encontram-se na Tabela 4.

Tabela 4 – Escores médios de autoeficácia na transição para o Trabalho e dos seus fatores componentes na amostra geral e por áreas de conhecimento.

	Geral	Exatas	Saúde	Humanas	Letras	Artes
<i>Regulação Emocional</i>	4,53	4,58	4,5	4,5	4,6	4,8
<i>Busca de Emprego</i>	4,16	4,33	4,1	4,2	4,3	4,0
<i>Adaptação ao trabalho</i>	5,23	5,22	5,2	5,1	5,4	5,5
<i>Média Geral de Autoeficácia</i>	4,64	4,71	4,6	4,6	4,8	4,7

A Tabela 4 descreve os resultados de cada dimensão e a comparação dos egressos das 5 áreas com o escore de todas as áreas agrupadas. No geral verifica-se que os egressos fazem uma avaliação positiva da sua autoeficácia para enfrentar a transição para o mercado de trabalho ($X=4,64$). A capacidade de adaptar-se ao trabalho, ou seja, a confiança de que conseguirá desempenhar bem as tarefas que lhes forem confiadas, é a dimensão mais positivamente avaliada ($X=5,23$). É também positiva a avaliação da sua capacidade emocional para lidar com as incertezas e dificuldades que cercam este momento da vida ($X=4,53$). A avaliação menos positiva, mesmo assim, ligeiramente acima do ponto médio da escala refere-se ao comportamento de buscar o trabalho ($X=4,16$). Este padrão não se altera significativamente entre os egressos de cursos de diferentes áreas de conhecimento. O escore geral de autoeficácia varia apenas entre 4,6 e 4,8. No entanto, pode-se perceber que os egressos da área de Artes são os que se avaliam com maior capacidade emocional e de adaptação ao trabalho.

III. INSERÇÃO PROFISSIONAL

Para avaliar a inserção propriamente dita, foram tomadas um conjunto de informações sobre a sua condição de trabalho no momento da pesquisa assim como a avaliação de um conjunto de fatores como barreiras ou facilitadores da situação em que se encontrava.

O primeiro dado de interesse encontra-se na Tabela 5: o percentual de egressos que já se encontravam empregados ou atuando profissionalmente. Os dados mostram inicialmente o percentual de egressos atuando e, deste grupo, o percentual dos que estavam atuando na área de sua formação.

Tabela 5 – Percentual de egressos empregados e, dentre estes, o percentual dos que atuavam na área de formação

	Geral	Exatas	Saúde	Humanas	Letras	Artes
% de Empregados	56	60,4	54,9	58,2	67,7	59,3
% de Empregados na área	73,3	82,9	85,2	56	79	73,3

Na amostra geral, 56% dos egressos encontravam-se trabalhando no momento da coleta dos dados, logo ao se formarem. O percentual é mais elevado entre os egressos da área de Letras seguida da área de Exatas e Artes. Letras, Exatas e Artes, é importante lembrar, são as áreas que apresentavam percentuais mais elevados de alunos que já trabalhavam durante o seu curso de graduação. Assim, a situação de trabalho pode significar a continuidade nos trabalhos em que já se encontravam. No geral verifica-se que entre aqueles inseridos no mercado profissional, 73,3% estavam atuando na área de sua formação. Esse índice é bem maior entre os egressos das áreas de Exatas e Saúde. Em contraposição, os egressos dos cursos de Humanas que estavam trabalhando, apenas 56% o faziam na sua área de formação.

Aos egressos ainda não inseridos no mercado de trabalho, questionou-se como viam a chance de obterem seu primeiro emprego no período de um ano. Os dados da Figura 3 revelam uma perspectiva apenas moderadamente otimista em relação à sua inserção no mercado de trabalho. 28,5% dos egressos veem pouca ou nenhuma chance de inserção.

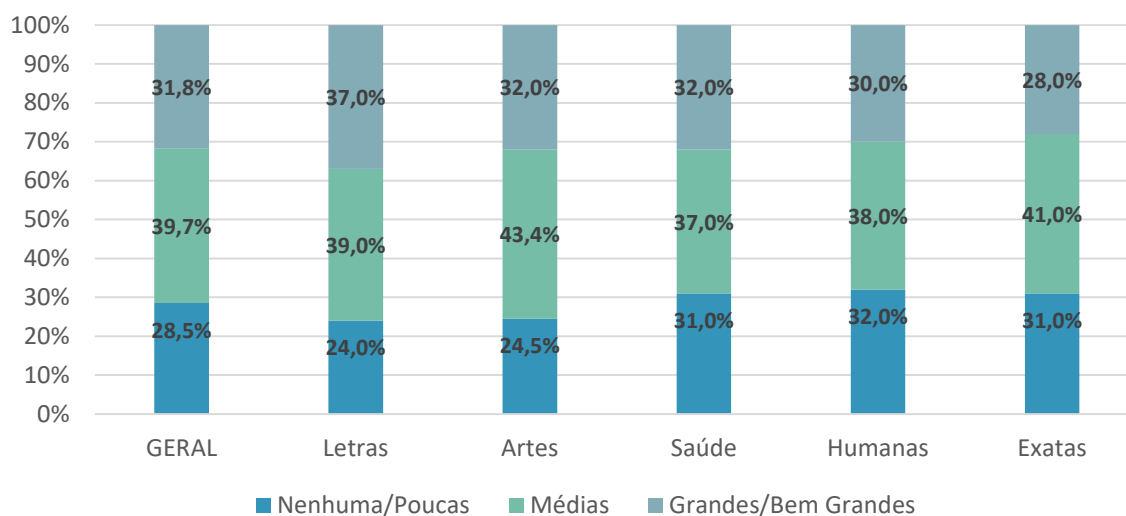


Figura3: Percentual de egressos por avaliação das chances de inserção no mercado no prazo de um ano.

O percentual é mais baixo entre os egressos dos cursos de Artes e Letras. Enquanto na amostra geral o percentual médio dos que veem grandes ou muito grandes chances de inserção é de 31,8%, entre os egressos dos cursos de Letras atinge 37%. Verifica-se, claramente, que a maioria dos alunos, independente de áreas se localizam no estrato intermediário que avalia a chance de estar trabalhando no prazo de um ano como “média”.

Para os egressos já inseridos no mercado de trabalho, explorou-se um conjunto de percepções acerca do próprio mercado e dos fatores que facilitaram ou dificultaram o seu ingresso.

Para avaliar a percepção do mercado de trabalho, utilizou-se uma escala de quatro pontos, sendo 1 (muito ruim), 2 (ruim), 3 (bom) e 4 (muito bom). Os dados constantes da Figura 4 revelam que a avaliação é moderadamente positiva, com o número de respondentes maior na categoria “bom”/”muito bom” ligeiramente superior ao número daqueles que avaliaram com “ruim”/”muito ruim”. Os egressos de Letras também se diferenciam aqui por uma avaliação um pouco mais positiva (60% de avaliação positiva enquanto na amostra geral o percentual médio foi de 54%). Os egressos das áreas de Saúde, Humanas e Exatas apresentam padrão de resposta muito similares. Em contrapartida, apenas 45% dos egressos da área de Artes fizeram uma avaliação positiva.

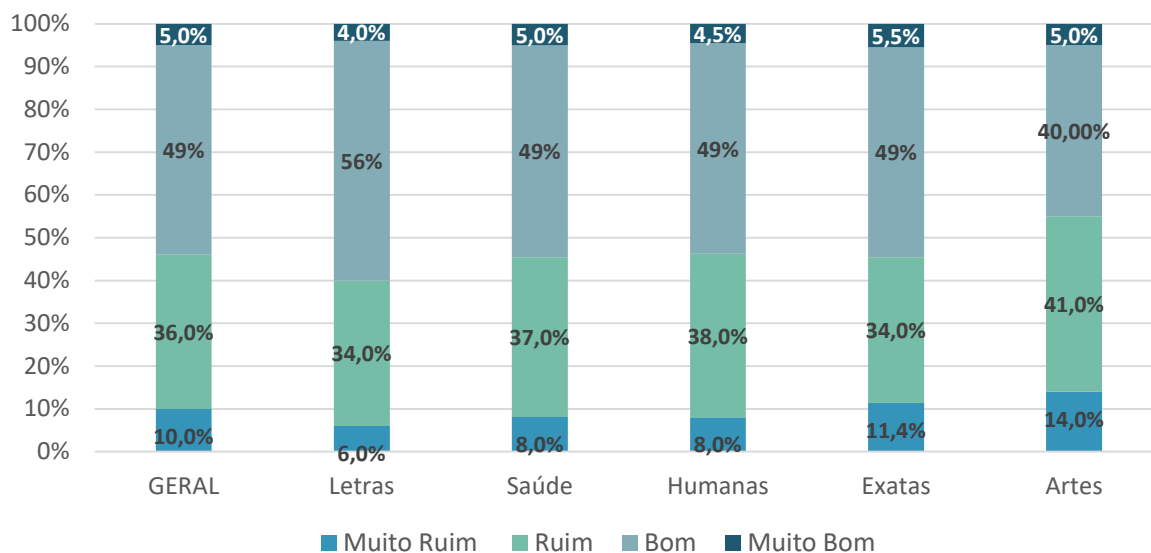


Figura 4: Percentual de egressos, na amostra geral e por áreas de conhecimento quanto à avaliação do mercado de trabalho

Foi oferecido aos participantes uma lista com 14 fatores que potencialmente dificultariam ou facilitariam a sua inserção no mercado de trabalho, que foram avaliados em uma escala de 1 (dificultou/facilitou muito) e máximo de 5 (dificultou/facilitou pouco). Os resultados obtidos encontram-se na Figura 5.

Os fatores que foram apontados mais fortemente como restritivos do que facilitadores foram: a necessidade de especialização, o próprio mercado de trabalho e a falta de dinheiro (para investir em trabalho autônomo). A reduzida experiência prática foi visto como barreira mas também como facilitador, mostrando a diversidade com que os cursos asseguraram tal requisito para ingresso no mercado de trabalho. Há um conjunto de fatores pessoais (motivação, habilidades, foco de carreira, conhecimentos, existência de network, por exemplo) que foram avaliados mais como facilitadores do que como barreiras. Entre estes está, vale destacar, a reputação da Universidade, visto majoritariamente como algo positivo.

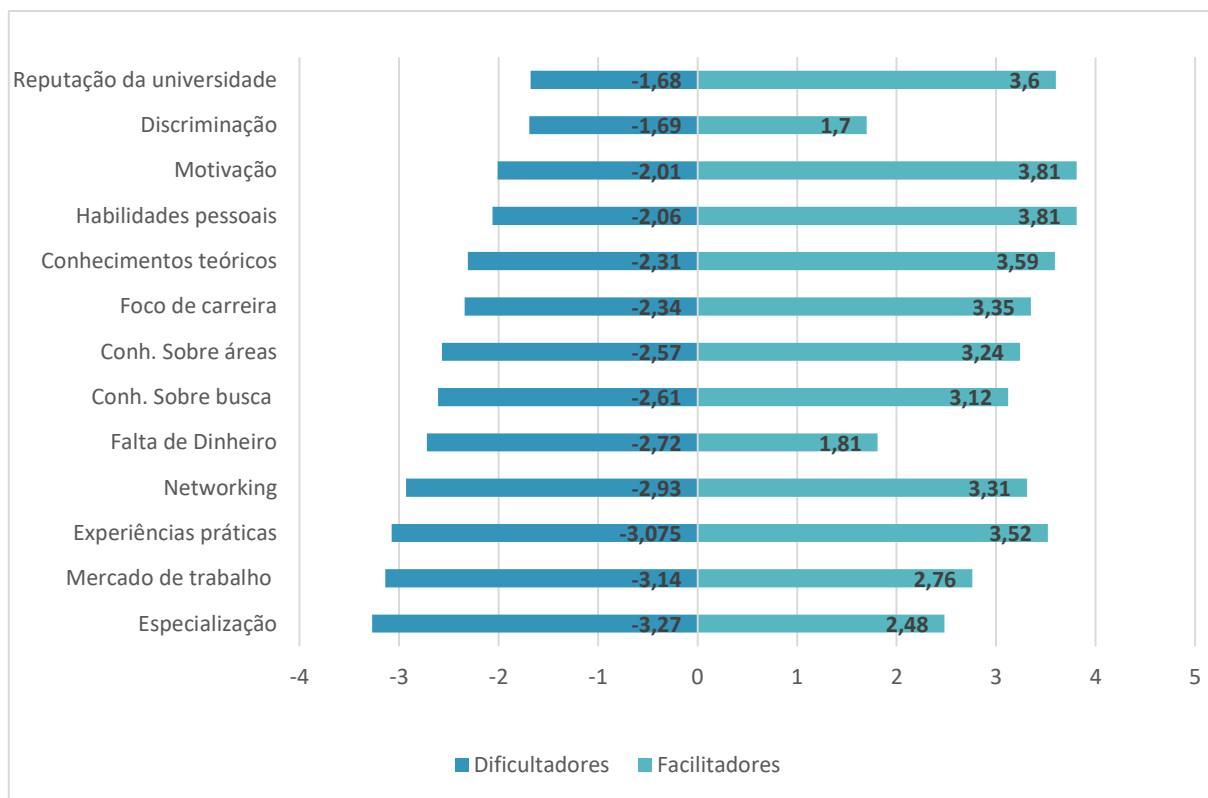


Figura 5: Escores médios de avaliação dos fatores que facilitaram ou dificultaram a inserção do egresso no mercado de trabalho.

Finalmente, no conjunto de egressos, independente de sua inserção no mercado, o estudo levantou um conjunto de avaliações mais gerais sobre a sua situação profissional e perspectivas futuras.

Em relação à satisfação com a profissão, os resultados encontram-se na Figura 6.

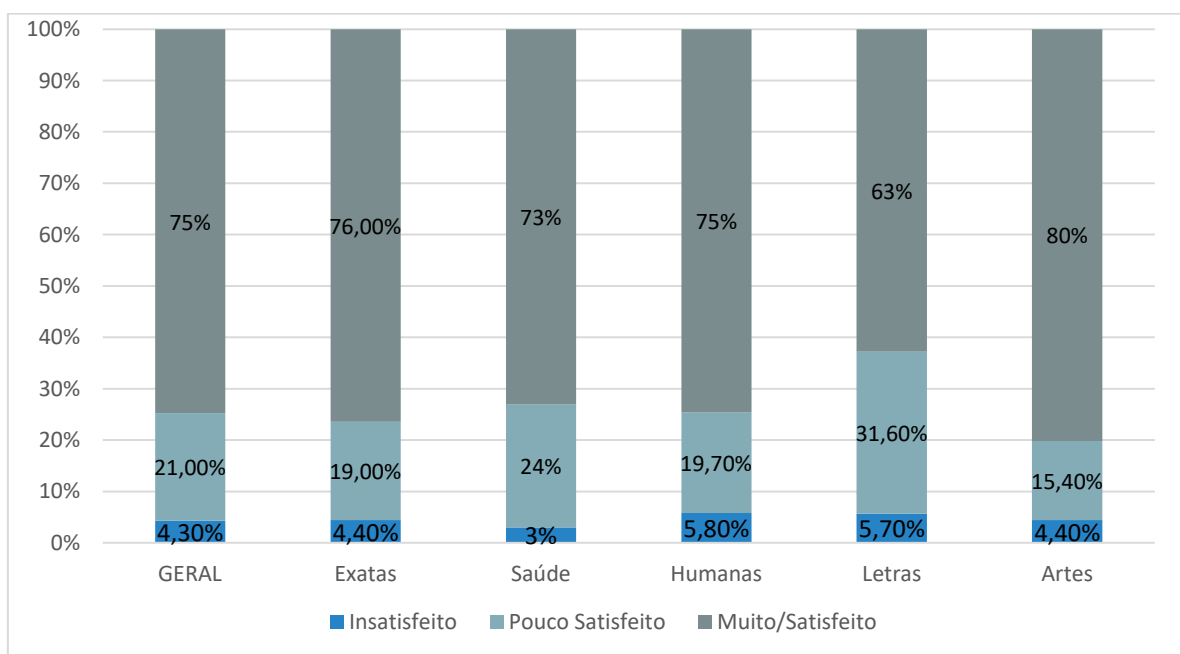


Figura 6: Percentual de egressos que se consideram satisfeitos/ insatisfeitos com a escolha do curso.

No geral, constatam-se níveis bastante elevados de satisfação com a profissão que escolheram e investiram na formação. O percentual de egressos claramente insatisfeitos com a escolha realizada situou-se em 4,3%, sendo apenas 3% entre os da área de saúde e atingindo um nível mais elevado de 5,7 e 5,8% entre os egressos de Letras e de Humanas.

Uma segunda avaliação envolveu perguntar aos egressos quanto tempo eles acreditavam que levariam até que consigam um trabalho na sua área de formação e que lhe garantiriam um rendimento mensal médio capaz de suprir as necessidades básicas de moradia, alimentação, vestuário, saúde, e lazer de uma pessoa, sem depender de mais ninguém. Os resultados, comparando os egressos já inseridos e não inseridos no mercado encontram-se no Figura 6. Os não inseridos tendem, ligeiramente, a estimar um tempo mais longo (46,1% a partir de dois anos. Entre os já inseridos, este percentual cai para 38,7%. . Analisando esse dado em cruzamento entre os egressos que estão empregados e os que não estão, observa-se que os não empregados tendem a acreditar que precisarão de mais tempo para alcançar a independência econômica, como expresso Figura 3.

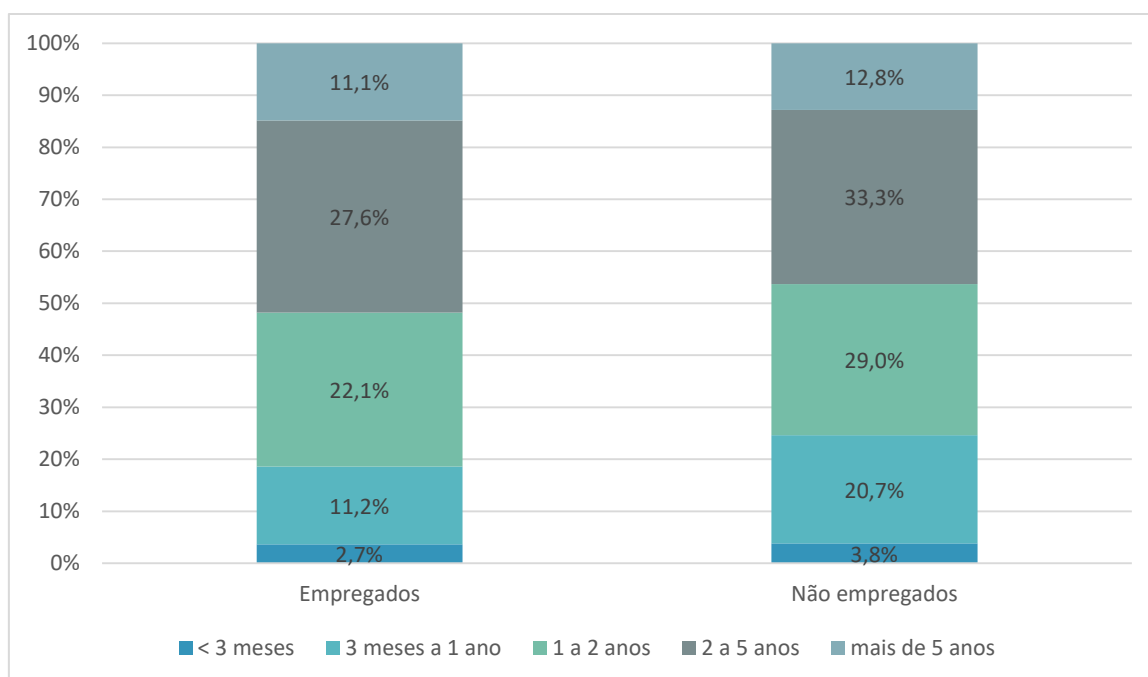


Figura 7: Percentual de egressos por estimativa de tempo que esperam ter atingido a independência econômica com o seu trabalho.

Finalmente, explorou-se os projetos futuros dos egressos, apresentando um conjunto de atividades que foram avaliadas se constavam de seus planos para o futuro profissional. Os resultados, discriminados por área de conhecimento, encontram-se na Tabela 6. Destaca-se como a ideia de se preparar para um concurso público é um projeto disseminado entre os egressos (o percentual ultrapassa 50% quando se soma aqueles que pretendem estudar e fazer concurso na área – 32,4% - e aqueles que pretendem fazer concurso fora da sua área de formação – 19,6%). A continuação da sua formação é outra ideia bastante forte, quer investindo no domínio de uma língua estrangeira (31,7%), prosseguir em um curso de pós graduação (30,1%) ou estudar fora/fazer intercâmbio (14,3%). São dois indicadores importantes de que a graduação conseguiu sensibilizar os alunos para a uma formação continuada no qual a pesquisa tem um papel importante.

Tabela 6: Percentual de alunos na amostra geral e por áreas de conhecimento por projetos para o futuro

	Geral	Exatas	Saúde	Humanas	Letras	Artes
<i>Estudar/ fazer concurso público na área de formação</i>	32,4	30,6	33,2	34,3	24,1	33,3
<i>Estudar língua estrangeira</i>	31,7	33,9	26,8	32,4	23,9	32,5
<i>Conseguir um emprego ou trabalho na sua profissão</i>	31,4	35	36,6	30,6	24,5	24,6
<i>Continuar os estudos, fazendo especialização, mestrado ou doutorado</i>	30,1	30	26,6	31,3	30,9	30,6
<i>Fazer outro curso universitário</i>	20,8	9,6	10,7	16,7	23,1	15,4
<i>Estudar/ fazer concurso público (em outra área)</i>	19,6	15,1	14,8	20,6	27,8	13,6
<i>Continuar trabalhando na minha profissão</i>	19,6	23,3	11,7	23,1	23,3	25,9
<i>Estudar fora/ fazer intercâmbio</i>	14,3	11,1	13,8	11,7	17,4	21,2
<i>Desenvolver trabalho autônomo na minha área de formação</i>	12,9	12,8	14,0	11,9	13,5	22,7
<i>Conseguir um emprego ou trabalho qualquer</i>	9,2	6,8	7,5	9,7	13,6	9,3
<i>Abrir um negócio próprio</i>	8,9	7,7	9,0	8,3	7,1	15,5
<i>Desenvolver trabalho autônomo em outra área</i>	4,2	4,3	2,1	4,3	3,4	5,9
<i>Continuar trabalhando fora da minha profissão</i>	3,7	2,9	1,6	3,8	8,1	5,8

Em termos de atuação profissional, há o desejo de se inserir no mercado na sua área de formação (31,4%) ou de continuar nela (19,6%). Além disto, poucos egressos desejam continuar trabalhando fora de sua profissão (3,7%) mostrando que a graduação desenvolveu um vínculo com a profissão. No entanto, é significativo o percentual de 20,8% de egressos que pensam em fazer um segundo curso de graduação, percentual que se deve aos alunos dos Bacharelados Interdisciplinares, modalidade de curso visto como uma porta de entrada para cursos de progressão linear na Universidade. Vale destacar ainda a reduzida presença de planos que envolvam algum nível de empreendedorismo, dentro ou fora da sua área de formação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa de egressos realizada no âmbito da Universidade Federal da Bahia, pelo seu porte expresso na diversidade de cursos de graduação oferecidos e pelo número de concluintes que a cada semestre oferece à sociedade com uma formação profissional constitui um desafio técnico complexo. O presente estudo, como afirmado, decorre de uma política que busca monitorar o desempenho e a qualidade da formação oferecida pela Universidade, base para o aprimoramento contínuo de sua gestão, sobretudo acadêmica, nos seus diferentes níveis.

O desenho da pesquisa de egressos envolve uma avaliação em diferentes momentos do tempo com instrumentos específicos. O presente relato concentra-se no contingente de recém egressos, que responderam o questionário após a sua conclusão do curso. Trata-se, portanto, de um retrato deste segmento, não incorporando dados longitudinais que oportunamente oferecerão um quadro bem mais completo do processo de transição universidade-mundo do trabalho.

Mesmo assim, os resultados obtidos sinalizam aspectos positivos e apontam dificuldades que precisam ser repensadas pela Universidade. Parte das dificuldades devem-se à conjuntura econômica que se reflete em oportunidades de trabalho que foram se reduzindo ao longo dos últimos anos com a crise econômica por que passa o país. Trata-se de um fator contextual sobre o qual a Universidade tem pouco ou nenhum controle. Entre os aspectos positivos, vale destacar o grau de identificação com a profissão e, especialmente, o projeto de formação continuada mantido por expressivo contingente dos egressos.

Para a Universidade é importante, por exemplo, o reconhecimento de que a sua reputação na sociedade é um fator facilitador da transição para o mercado de trabalho. Da mesma forma, é importante constatar que há um nível de formação (habilidades, conhecimentos) que somados à motivação dos egressos, também facilita a sua inserção no mercado de trabalho.

Dados mais específicos devem induzir reflexões da gestão da universidade e ter algum impacto em programas já desenvolvidos. A participação dos alunos nas atividades de pesquisa e, sobretudo, de extensão é reduzida, se considerarmos que estes dois elementos são centrais na definição de uma universidade e fazem grande diferença na formação, quando comparada àquela das faculdades isoladas. Fortalecer os programas de iniciação científica e ampliar as oportunidades de engajamento do alunos em projetos de extensão é um importante elemento que emerge do estudo.

Por outro lado, há que se trabalhar para reduzir a lacuna de experiências práticas (contato com o mundo profissional) que um número expressivo de egressos apontou como uma barreira para a sua inserção. Da mesma forma, a Universidade tem que pensar em estratégias de orientação que capacitem o aluno a buscar/construir trabalho após a sua saída. Saber buscar emprego foi a dimensão mais frágil da medida de autoeficácia na transição para o trabalho.

Outro importante desafio é como trabalhar melhor a questão do empreendedorismo, de modo a capacitar o egresso a montar seu próprio negócio, competência que cresce de importância em momentos de crise e de crescimento do desemprego. A reduzida ênfase na formação de habilidades empreendedoras é coerente com a larga presença de projetos de vida que priorizam a busca de concursos públicos (na área de formação ou fora dela). Em tempos de crise do Estado, tal projeto pode conduzir a fracassos indesejáveis.

Por fim, vale destacar que o conjunto de dados obtidos ensejará análises mais sofisticadas buscando-se construir e testar um modelo explicativo de fatores que afetam a transição estudada. Com as novas coletas será possível análises longitudinais já que começamos a segunda coleta com alunos egressos que responderam o questionário ao concluírem o seu curso. Apesar na esperada perda que acontece em estudos longitudinais, especialmente em uma cultura em que o aluno ao concluir o seu curso perde o vínculo com a universidade, tais dados poderão ampliar a compreensão do impacto dos fatores da formação na sua trajetória ocupacional.

Outro elemento importante é que a continuidade da pesquisa permitirá trabalhar com resultados no nível de cada curso de graduação, nível apropriado para as intervenções que ampliem a qualidade da formação oferecida pela Universidade. Até o momento não se tem amostras representativas dos aproximadamente 120 cursos de graduação ofertados pela UFBA.

REFERÊNCIAS

- BARDAGI, M. et al. Escolha profissional e inserção no mercado de trabalho: percepções de estudantes formandos. *Psicologia Escolar e Educacional (Impresso)*, v. 10, n. 1, p. 69–82, jun. 2006.
- BARDAGI, M. P.; BOFF, R. DE B. AUTOCONCEITO , AUTO-EFICÁCIA PROFISSIONAL E COMPORTAMENTO EXPLORATÓRIO. *Avaliação*, v. 15, n. 1, p. 41–56, 2010.
- FERREIRA, P. F. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE NO MERCADO DE TRABALHO SERGIPANO NO PERÍODO DE 2004-2009. [s.l: s.n.].
- GOUVEIA, B. M. EMPREGABILIDADE E AUTO-EFICÁCIA NA TRANSIÇÃO PARA O TRABALHO EM ALUNOS FINALISTAS DE CURSOS PROFISSIONAIS. [2011: s.n.].
- LENT, R. W.; BROWN, S. D. Theory A Social Cognitive View of School-to-Work Transition. v. 47, n. June, 1999.
- LORDELO, J. A. C.; DAZZANI, M. V. M. Estudo com Estudantes Egressos. 2012.
- MACHADO, G. R. Perfil do egresso da universidade federal do Rio Grande do Sul. p. 338, 2010.
- MARCOVITCH, J. *A universidade impossível*. 2ª ed. São Paulo: Futura, 1998
- TEIXEIRA, M. A. P.; GOMES, W. B. Estou me Formando ... E Agora ? Reflexões e Perspectivas de Jovens Formandos Universitários. *Revista Brasileira de Orientação Profissional Orientação Profissional*, v. 5, n. 1, p. 47–62, 2004.
- VIEIRA, D.; MAIA, J. P.; COIMBRA, J. L. Do Ensino superior para o trabalho: Análise factorial confirmatória da escala de Auto-Eficácia na Transição para o Trabalho (AETT). *Avaliação Psicológica*, v. 6, n. 1, p. 3–12, 2007.
- VIEIRA, D.; COIMBRA, J. L. Factores facilitadores da transição para o trabalho: A perspectiva de finalistas do ensino superior. In: *Desenvolvimento Vocacional ao longo da vida: Fundamentos, princípios e orientações*. 2004. p. 343–352.
- VIEIRA, D.; COIMBRA, J. L. Sucesso na Transição Escola-Trabalho : A Percepção de Finalistas do Ensino Superior Português. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v. 7, n. 1, p. 1–10, 2006.